

e 60% dos bens duráveis e de capital haviam sido reduzidas, em 1965, a 10 e 20%, respectivamente. A taxa de crescimento industrial foi excepcionalmente elevada, nos anos 40, na média anual de 7%; nos anos 50, ascenderia à média anual de 9%. No conjunto do período entre 1939 e 1964, a taxa média de crescimento industrial foi de 8,3%. Mas, apesar disso, o nível de emprego não se elevou acima de 3% anuais, no mesmo período, na indústria e o desenvolvimento da agricultura permaneceu lento, contribuindo para a alta dos preços e limitando o mercado interno.¹⁶ A segunda fase do desenvolvimento do capitalismo no Brasil estava se aproximando do impasse. E esse impasse decorria da resistência das velhas estruturas. Sem alterar as relações de produção no campo, era impossível ampliar o mercado interno. Se não era possível ampliar o mercado interno, era forçoso voltar o esforço para o mercado externo. O latifúndio vedava a primeira solução; os interesses externos vedavam a segunda, se articulada em bases nacionais.¹⁷

A Segunda Guerra Mundial repetiu, sob condições qualitativamente diferentes, os efeitos da primeira e da crise de 1929,

¹⁶ "O caso mais complexo é aquele em que a economia apresenta três setores: um, principalmente de subsistência; outro, voltado sobretudo para a exportação, e o terceiro, como um núcleo industrial ligado ao mercado interno, suficientemente diversificado para produzir parte dos bens de capital de que necessita a economia para desenvolver-se. O núcleo industrial ligado ao mercado interno se desenvolve através de um processo de substituição de manufaturas antes importadas, vale dizer, em condições de permanente concorrência com produtores forâneos. Daí resulta que a maior preocupação do industrial local é a de apresentar um artigo similar ao importado e adotar métodos de produção que o habilitem a competir com o exportador estrangeiro. Por outras palavras, a estrutura de preços, no setor industrial ligado ao mercado interno, tende a assemelhar-se à que prevalece nos países de elevado grau de industrialização, exportadores de manufaturas. Assim sendo, as inovações tecnológicas que se afiguram mais vantajosas são aquelas que permitem aproximar-se da estrutura de custos e preços dos países exportadores de manufaturas, e não as que permitam uma transformação mais rápida da estrutura econômica, pela absorção do setor de subsistência. O resultado prático disso — mesmo que cresça o setor industrial ligado ao mercado interno e aumente sua participação no produto, mesmo que cresça, também, a renda *per capita* do conjunto da população — é que a estrutura ocupacional do país se modifica com lentidão. O contingente da população afetada pelo desenvolvimento mantém-se reduzido, declinando muito devagar a importância relativa do setor cuja principal atividade é a produção para subsistência. Assim, países cuja produção industrial já alcançou elevado grau de diversificação e apresenta uma diversificação no produto relativamente elevada, continuam com uma estrutura ocupacional tipicamente pré-capitalista". (Celso Furtado: *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*, 3ª edição, São Paulo, 1969, p. 193).

¹⁷ "Os fatores inflacionários indicados — desvalorização cambial, *déficit* governamental, acumulação de estoques de produtos de exportação — se, por um lado, expandem a renda monetária, por outro elevam os preços relativos dos produtos industriais importados, favorecendo a posição competitiva da produção industrial interna. Essa maior rentabilidade do setor industrial é tanto mais significativa quanto o setor exportador se encontra em depressão. Circunstâncias desse tipo permitiriam que tivesse início, em vários países subdesenvolvidos, uma segunda fase de industrialização, que já não se anóia em uma expansão prévia da procura global. (...) A experiência latino-americana parece indicar que essa primeira fase de industrialização deve alcançar certa importância relativa — uma produção industrial representando 10% do produto global constitui um ponto de referência — a fim de que o processo substitutivo ponha em marcha a segunda fase da industrialização. (...) Existe alguma evidência de que, a partir da metade do decênio dos anos cinquenta, o processo de substituição de importações apresenta sinais de saturação nos países latino-americanos de industrialização mais avançada". (Celso Furtado: *op. cit.*, p. 200/202).